

MUNDOS TENSIONADOS NO PODCAST “DEAD RIVER”: o não retorno como acontecimento e o acontecimento como não retorno¹

WORLDS IN TENSION IN THE PODCAST “DEAD RIVER”: no return as event, and event as point of no return

Frederico de Mello B. Tavares²

Evandro J. M. Laia³

Resumo: Em 05 de novembro de 2025, completou-se uma década do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG), que provocou a “morte” do Rio Doce/Watu. Partindo desse marco, o artigo analisa o podcast *Dead River* (2024) como um dispositivo narrativo que tensiona mundos em torno do acontecimento. A investigação aborda a noção de não retorno examinando tanto a ruptura inaugurada pelo desastre-crime quanto sua inscrição em processos históricos mais amplos de devastação ambiental e extrativismo. Argumenta-se que a série pluraliza o acontecimento, evidenciando múltiplas mortes do rio como experiências distintas, atravessadas por diferentes espaços, tempos e modos de existência. Ao mobilizar estratégias sonoras, testemunhais e históricas, o podcast articula imaginários que deslocam explicações unívocas para uma certa ideia de “fim do mundo” e evidenciam conflitos ontológicos e políticos. Nesse processo, o jornalismo, também tensionado, opera como prática de tradução de mundos.

Palavras-Chave: *Dead River Podcast. Imaginário. Rio Doce.*

Abstract: On November 5, 2025, a decade marked the collapse of the Fundão dam in Mariana, Minas Gerais, an event that caused the “death” of the Doce River/Watu. Taking this milestone as its point of departure, the article analyzes the podcast *Dead River* (2024) as a narrative device that brings different worlds into tension around the event. The study engages the notion of no return, examining both the rupture inaugurated by the disaster and its inscription within broader historical processes of environmental devastation and extractivism. It argues that the series pluralizes the event by foregrounding the multiple deaths of the river as distinct experiences shaped by different spaces, temporalities, and modes of existence. By mobilizing sonic, testimonial, and historical strategies, the podcast articulates imaginaries that displace univocal explanations toward a sense of “the end of the world” and make visible underlying ontological and political conflicts. In this process, journalism, also in tension, operates as a practice of world-translation.

Keywords: *Dead River Podcast. Podcast. Imaginary. Rio Doce.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Imagem e Imaginários Midiáticos”. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFOP, Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, frederico.tavares@ufop.edu.br.

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFOP, Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), Bolsista de Pós-doutorado da FAPEMIG junto à Università La Sapienza (Itália), evandro.medeiros@ufop.edu.br.

1. Introdução

Em 05 novembro de 2025, completou-se uma década de ocorrência do maior desastre-crime socioambiental (REGATTIERI; CASTAÑEDA, 2016) da história do país. O rompimento da Barragem de Fundão⁴, no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), liberou, segundo estimativas, de 40 a 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério, devastando comunidades, atingindo em torno de 40 municípios em dois estados brasileiros (Minas Gerais e Espírito Santo) e causando a morte de 19 pessoas, além de um aborto em uma sobrevivente grávida. O acontecimento foi marcado pelo carreamento de um gigantesco fluxo de lama tóxica (REGATTIERI; CASTAÑEDA, 2016), que percorreu mais de 600 quilômetros ao longo da bacia do Rio Doce, desde o seu afluente Rio Gualaxo do Norte (em Minas Gerais), vindo a desembocar no Oceano Atlântico, no município de Linhares (ES).

O impacto sobre o Rio Doce, ao mesmo tempo em que escancara uma agressão irreparável ao meio-ambiente, move complexas camadas sociais, espaciais e temporais, engendrando outras violências históricas, tensionando mundos opostos. Como afirma Haira Gandolfi (2025, p. 1652), o episódio do rompimento da Barragem de Fundão é um exemplo de como a experiência de mineração no Sul Global, em Mariana ou em outras tantas localidades, “[...] *can bring to light chemistry's complex socio-political and socio-historical entanglements with extractivist, neocolonial and socially unjust practices that structure the triple planetary crisis we currently face*”. A pesquisadora da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, desde uma perspectiva decolonial, aponta para a existência contemporânea de uma tripla crise ambiental planetária, envolvendo: mudanças climáticas, a degradação da natureza e da biodiversidade, e o excesso de poluição e resíduos.

Coincidente a esse contexto, há a presença de uma *temporalidade social* envolvendo “diferentes imaginários de tempo e eventividade sociais” e, portanto, nos termos de Elizabeth Povinelli (2024, p. 18), “[...] diferentes narrativas sobre justiça social e ambiental”. Nesse viés, é preciso, diz autora, avançar sobre uma ideia de uma “catástrofe por vir”, atrelada ao “[...] colapso climático, ambiental e social contemporâneo” (p. 19). Se vista apenas como um evento

⁴ A Barragem de Fundão, localizada em Mariana (MG), no complexo minerário Germano, pertencia às empresas brasileiras *Samarco S.A* e *Vale* e à anglo-australiana *BHP Billiton*. As obras de instalação da barragem tiveram início em 2007. Sua estrutura caracterizava-se pela método de alteamento à montante, uma forma “mais barata” de empilhamento de rejeitos de minério, a partir de diques, aproveitando a própria topografia do local de construção.

futuro, “[...] que constituirá um novo e dramático começo, uma morte radical e um renascimento radical” (p. 19), caminha-se junto a uma compreensão de catástrofe ligada a um “[...] fim potencial de um tipo de humano e de história natural” (p. 19). No entanto, se vista como “ancestral”, tal catástrofe ganha outros enredamentos: “catástrofes ancestrais são passado e presente; continuam nascendo mais do chão do colonialismo e do racismo do que do horizonte do progresso liberal” (POVINELLI, 2024, p. 19-20).

Dentro dessa proposição, historicamente falando, “[...] ontologias e epistemologias ocidentais e o Ocidente foram recalibrados de maneira crucial durante a história do capitalismo” (POVINELLI, 2024, p. 31-32), criando condições para um tipo de existência entrelaçada na qual macroestruturas de dominação atuassem sobre corpos e espaços, ignorando ou violentando uma diversidade existencial não ocidental, bem como as resistências a esse modelo. Como vai perguntar a autora, “que tipos de imaginário e prática política emergem quando partimos de questões de ontologia e existência, e não do oceano da história racial e colonial?” (p. 30). No caso do rompimento da Barragem de Fundão, o Rio Doce encarna modos de ser que coabitam e constituem diferentes mundos entrelaçados por cosmologias articuladoras de pertencimentos que remetem espiritualidades e relações míticas.

Para o povo indígena Krenak, por exemplo, o Rio Doce “é muito mais do que um recurso natural, uma fonte de alimentação ou de geração de renda” (CALDEIRA; AMARAL, 2020, p. 60). O *Watu*, como é chamado o rio, “[...] é um parente, um irmão mais velho, que sempre esteve ao lado de seu povo, protegendo-o, alimentando-o, orientando-o” (CALDEIRA; AMARAL, 2020, p. 60).

O pesquisador Girley Krenak (SANTANA, 2025, p.25), a partir de um extenso mapeamento autoetnográfico sobre os “[...] profundos desgastes com os impactos causados pelos exílios e pela morte do *Watu* (Rio Doce) – em virtude do rompimento da barragem de Fundão” nos rituais e tradições Krenak, explica que a ideia de que este foi “[...] o maior acidente ambiental da história do Brasil” é o modo não Krenak de entender o que aconteceu.

Eu não vejo um acidente ambiental. Eu sinto a dor da morte de um ancestral que morreu de forma trágica por envenenamento de metais pesados, soterrado por lama e elementos químicos. [...] Meus descendentes não podem brincar no rio como eu fiz na infância. Estão impedidos de sentir no espírito a conexão que sempre senti e, depois da tragédia, tive que encontrar um outro modo de sentir (SANTANA, 2025, p.117).

Então, o que vimos nas manchetes do noticiário como um acontecimento único, o rompimento da barragem de Fundão e seus desdobramentos, constitui-se, de fato, como uma série de acontecimentos, no plural, já que é diferente em cada mundo, em cada cosmologia. Ou seja, “[...] justamente por habitarmos então pontos de vista diferentes (mundos diferentes), não falamos as mesmas coisas, o que dizemos é sempre multirreferencial” (LAIA; GUIMARÃES, 2022, p.11).

Com base nos modos de existência ameríndios, Eduardo Viveiros de Castro (2004) chama este lugar cosmológico de *perspectiva* ou *ponto de vista*. O ponto de vista não é uma interpretação de um fato em comum, no caso em questão, um outro nome para o mesmo acontecimento. Trata-se de um outro acontecimento, de fato. A esta disjunção ontológica, ele deu o nome de *equivocação*, um modo de *traduzir mundos*, de comunicar a partir da multirreferencialidade. Tal experiência aparece de modo aplicado – embora não menos complexo – na pesquisa de Raquel Pataxó (MASCARENHAS, 2024), na qual ela critica a ideia unívoca de “fim do mundo”, reivindicando o fato de que, para seu povo, o fim começou com a invasão dos colonizadores, cinco séculos atrás, e não com a Revolução Industrial e o progressivo aquecimento da superfície do planeta nos últimos dois séculos, como preconiza o conceito unirreferencial de Antropoceno com um “não-retorno” único, um fim universal.

A “morte” do Rio Doce/*Watu* é tanto uma ruptura em termos históricos, como o é, também em termos ontológicos. Essa radicalidade dá a dimensão do rompimento da Barragem como acontecimento, cujas consequências impedem a volta de um “antes”, instaurando um sentido de *não retorno* (LAM, 2022). Ao mesmo tempo, coloca em cena a duração de um *não retorno* mais amplo, como marca de uma “época socio-climática”, um “tempo de catástrofes” (STENGERS, 2015), como devir temporal *em crise*, na qual a ideia de fim torna-se ainda mais latente.

O reconhecimento desse jogo relacional lembra a dupla reflexão de Déborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro (2017) sobre o fluxo da existência “terrana”. Em primeiro lugar, dizem os autores, “a cada dia que passa vemos confirmada a impressão de que já estamos vivendo, e que viveremos cada vez mais, em um mundo radicalmente diminuído” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 161). Nesse aspecto, “[...] entretanto, isso não significa que estejamos aqui simplesmente para constatar que *o mundo* já acabou, está

acabando ou vai acabar. Há muitos mundos no Mundo” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 161, grifo dos autores).

Diante desse cenário, muitas narrativas têm construído não apenas registros sobre o acontecimento, mas também atravessado e atuado nas disputas de sentido que envolvem tanto o rompimento da barragem do Fundão, seus antecedentes e desdobramentos; quanto o pano de fundo mais amplo, no qual se decantam, de maneira tensionada, temporalidades, espacialidades e imaginários. Todas elas, de alguma forma, colocam-se como um terceiro significante, ao mesmo tempo mediador, entre mundos que coabitam e se chocam, adensando, com isso, os significados sobre o evento, sobre as camadas e tramas que tanto o compõem quanto revelam *mundos do nosso Mundo*. São, de certa maneira, dispositivos que não só colocam mundos em contato. Também dão sentido a esses mundos e criam, sobre seus pontos de toque, modos de ver e pensar, lidando com algo de suas próprias existências, promovendo uma *tradução*.

É desde essa compreensão que este texto se propõe a analisar a série em *podcast* intitulada *Dead River* [Rio Morto], apresentada pela apresentadora franco-irlandesa Liz Bonnin, especialista em ciência e mundo natural, lançado em fevereiro de 2024, cerca de oito anos após a ocorrência do desastre-crime em Mariana (MG). A série foi produzida por Pulama Kaufman, jornalista e produtora sonora, com atuação no Reino Unido; e, conforme descrição própria, “[...] *explains the history of mining in Brazil, the day that disaster struck, through to today – eight years on — where the victims are still fighting for justice and are now embroiled in a legal battle against the owners of the dam, BHP and Vale*”⁵. O material conta ainda com o trabalho de apuração jornalística da mesma Pulama Kaufman e da jornalista brasileira Cristina Serra, autora do livro *Tragédia de Mariana* (2018).

Na série *Dead River*, o rompimento e a morte do Rio, como acontecimentos, fazem “diferença na sua própria ordem” (GUIMARÃES, 2011, p. 15). No *podcast*, no conjunto enunciativo que ali se perfaz (criando imagens de maneira sonora, acionando e mobilizando imaginários), há um “passado de sentidos que convive com o presente da formação do Locutor e assim traz uma projeção de futuro de sentidos que não significariam não fosse o acontecimento em questão” (GUIMARÃES, 2011, p. 15). Há, ali, um modo sonoro e narrativo de dizer (MARTÍNEZ-COSTA, 1998; VIANA, 2023), costurado a modos jornalísticos de

⁵ Disponível em: <https://pogustgoodhead.com/dead-river-podcast/> Acesso em: 07 fev. 2026.

elaborar acontecimentos (ANTUNES, 2008), que trama uma textualidade específica para pensar e elaborar, desde Mariana (MG), uma globalidade de processos temporais e espaciais que estruturam o extrativismo mineral e seus entornos constituintes.

A série, entretanto, apresenta-se, também, desde um “jornalismo” deslocado espaço-temporalmente, cujo material informativo realiza *traduções de mundo* por meio de um arranjo narrativo no qual narradoras e fontes encontram-se enredadas para além de uma “hierarquia clássica” do dizer noticioso. Primeiro porque o *podcast* pauta o acontecimento desde “[...] uma racionalidade jornalística que contempla princípios e premissas de espírito crítico e analítico” (TAVARES; ANTUNES, 2025, p.3), conferindo “[...] proeminência, da apuração ao produto final, a temas e acontecimentos ligados a outros modos de vida e suas dinâmicas” (TAVARES; ANTUNES, 2025, p.3). Segundo, porque, a partir de uma bioquímica e mestre em Biologia (Liz Bonnin), como voz principal, em diálogo com uma segunda voz que é fonte e narradora ao mesmo tempo (a jornalista Cristina Serra), a série materializa, mesmo que ancorada em recursos e financiamentos institucionais, para além da configuração como a atividade jornalística hegemônica “[...] se apresentou a nós nas últimas décadas” (LAIA; MORAIS, MORAES, 2025, p. 8). Nesse sentido, a produção insere-se num contexto no qual existem: “1) o uso da tecnologia streaming e de grandes plataformas de acesso gratuito; 2) a produção de narrativas autônomas que furam o bloqueio da mídia, agendando os meios de comunicação tradicionais; 3) o potencial de produzir traduções menos redutoras da diferença” (LAIA, 2023, p. 20).

Dead River está composta por seis faixas principais e uma faixa bônus. A narrativa segue pelos episódios: *Low Risk* (episódio 1), *The Silence of Sirens* (episódio 2), *Pamela's Story* (bônus), *Patterns of Abuse* (episódio 3), *The Case of 700.000* (episódio 4), *Dead River* (episódio 5) e *A Silent War* (episódio 6). Para este texto, todo o material foi ouvido a partir do site <https://shows.acast.com/dead-river/episodes>, sendo os episódios transcritos e traduzidos por meio de ferramentas de inteligência artificial generativa: *Google AI Studio* (<https://aistudio.google.com/prompts/>)⁶.

⁶ As transcrições e traduções foram realizadas em janeiro de 2026, a partir dos seguintes *prompts*: “1) Faça a transcrição do áudio anexado, considerando a sua integralidade de minutos; 2) Transcreva o áudio da sua linguagem original (inglês) considerando a minutagem do áudio (início e fim); 3) Considerar neste processo de transcrição a identificação de quem está falando no momento da minutagem; 4) Na transcrição deve ser considerada a minutagem do áudio e deve ser o mais fidedigno possível à gravação; 5) Após a transcrição da

O material transcrito e traduzido (portanto, ambas as versões) foi utilizado para localizar, junto ao conteúdo sonoro, conteúdos, no interior da série, a partir dos quais uma análise sincrônica-diacrônica sobre mundos postos em tensão na narrativa e sobre o duplo jogo de *não retorno* dos/nos acontecimentos (a morte do rio e a virada epocal planetária) possa se dar. O percurso deste artigo desloca-se de uma leitura descritivo-analítica para um eixo interpretativo centrado na pluralização do acontecimento.

2. *Dead River* como dispositivo de tradução

Cada um dos seis episódios do *podcast Dead River*, assim como a faixa extra, conta com a estrutura de uma vinheta inicial, seguida do episódio, que apresenta pausas curtas de silêncio, embora não seja dividido em blocos. Ao final, a apresentadora Liz Bonnin sempre faz uma pergunta que funciona como um gancho para o assunto que será tratado no episódio seguinte. Não há vinheta de patrocinadores e também não há agradecimentos finais. Os elementos sonoros presentes na produção são, basicamente: os sons de processos da natureza, especialmente da água do rio correndo; os áudios das entrevistas originais em português, acompanhados das dublagens em inglês; a inserção de áudio de noticiário jornalístico, a trilha dramática. Como elementos parassonoros, aparecem: as emoções expressas nas vozes dos entrevistados; a intensidade dos relatos dos sobreviventes; as pausas dramáticas na narração de Bonnin.

A produção explora a lógica da interrupção e do gancho, configurando-se como uma narrativa seriada. Lopez e Alves (2019) retomam a classificação de Machado (2000) com o intuito de compreender como a narrativa seriada se manifesta na experiência do *podcast*. Nos termos dos autores, *Dead River* pode ser classificado como um produto em capítulos, cumprindo uma linearidade narrativa à medida que avança, mesmo que explorando espacialidades e temporalidades paralelas, narrando fatos ligados direta e indiretamente ao rompimento da barragem de Fundão e, ao mesmo tempo, retomando acontecimentos históricos cujos desdobramentos são vinculados, pela apresentadora, à história principal.

Desde essa configuração, mais que produto sonoro e narrativo, com embasamento jornalístico, *Dead River* configura-se como um dispositivo de *tradução de mundos*, em diálogo

linguagem original em inglês, faça a tradução para o português do Brasil”. Neste texto, optamos por manter o original em inglês, mantendo a transcrição realizada por IA generativa.

com uma perspectiva que envolve o conceito de *climate imaginaries* e sua demanda por uma outra forma de se pensar o uso de imagens e palavras acerca de grandes eventos (crimes, desastres, tragédias) socioambientais, o que envolve, diretamente, tensionamentos espaço-temporais Segundo Riesto et al. (2021, p. 370), os imaginários climáticos “[...] *operate not only within the world of language, representation and discourse. Rather, climate imaginaries are also bodily and emotional, revealing experiences of shock, fear and the experience of being overwhelmed*”.

Em *Dead River*, isso acontece por duas estratégias que se dão de maneira reflexiva: 1) a organização da história por meio de um formato próprio; 2) o reconhecimento do(s) acontecimento(s). Ambas acionam a construção de um imaginário que tanto mobiliza mundos, como os constitui de forma a transbordar suas facticidades – operam, portanto, na ordem da construção de sentidos sobre o que está para além do acontecimento; fazendo, este mesmo acontecimento, plural e não unívoco.

2.1. A organização da *tradução*

Na primeira estratégia, a linguagem do *podcast* promove um arranjo complexo com elementos próprios deste modo de enunciação. No **episódio 1**, ainda nos primeiros cinco minutos do *podcast*, isso é feito de maneira direta, denotativa, a partir de um uso do verbo imaginar no modo imperativo, quando Bonnin inicia uma descrição da região Sudeste do Brasil que lembra os viajantes europeus pré-século XX.

Imagine yourself soaring high above this land, watching huge rivers beneath you, snaking their way towards the ocean. A bounty of smaller tributaries feeds into these rivers, forming the arteries and the veins of this lush landscape. You soar higher to crest some of the biggest mountains in Brazil, topped with an abundance of ferns, fruiting trees, and native plants unlike anywhere else on the planet. (**episódio 1, 02:51 - 03:22**)

Tal modo narrativo, recheado de adjetivos, que convoca a imaginação do ouvinte, marca todos os episódios e é, sem dúvida, uma marca da linguagem radiofônica que transborda para a experiência contemporânea do *podcast* (VIANA, 2023). Na série, este modo é expresso em basicamente quatro diferentes situações, presentes em todos os episódios. A primeira é na descrição detalhada do ambiente em torno do Rio Doce, das comunidades e das cidades narradas no *podcast* – como no trecho citado anteriormente.

A segunda, na narração das ações envolvendo personagens desta história, especialmente na cronologia dos acontecimentos pré e pós colapso da barragem de Fundão, como no trecho do segundo episódio, que detalha a cronologia dos acontecimentos desde o dia do rompimento até a chegada da lama tóxica ao Oceano Atlântico.

At 4:00 p.m., Paula Alves looked up from the sapling she was planting in the damp earth as the walkie-talkie came to life in the service truck nearby. The sound was distorted and the person speaking was frantic. But through the breaks in the signal, she made out the phrase, “The dam has broken”. The team she was working with looked in the direction of the dam. They could make out an ominous brown cloud bearing down towards them. Without any hesitation, Paula jumped on her motorcycle and she pushed off. There was only one thought on her mind: get to Bento Rodrigues. [...] At the time of the collapse, there was no siren to warn people. There was only Paula. (episódio 2, 12:12 - 15:02)

A terceira situação é na contextualização a partir da narração de fatos pregressos no território brasileiro e também fora do Brasil, a partir de uma perspectiva histórica. Não há menção clara às fontes de pesquisa e tampouco uma linguagem acadêmica, como no trecho que segue, extraído do episódio três:

In the 1960s and 70s, large amounts of gold and copper were found in Mount Fubilan, and in 1981, BHP began the construction of a mine to extract these minerals. Within three years, Mount Fubilan was reduced from a towering peak of over 2,000 meters to a three-kilometer-wide open pit. The newly named OK Tedi mine started operations in 1984. Shortly after mining began, its tailings dam collapsed following an earthquake in the area. BHP claimed it would be too expensive to rebuild the dam, so instead, they persuaded the government to allow them to dump the mining waste straight into the river. And this wasn’t a temporary solution; they did this every day for more than ten years. For over a decade, they dumped 80,000 tons of mining waste into the river each day. Over 40,000 residents downstream were affected by the contamination. The fish that sustained the population almost disappeared. In the early 1990s, the Australian Conservation Foundation reported that this area of the river was “almost biologically dead”. (episódio 3, 00:59 - 02:45)

Por fim, a quarta situação configura-se na presença constante do depoimento da jornalista Cristina Serra – gravado em inglês e com áudio usado no podcast sem dublagem –, cujo livro *A tragédia de Mariana* é ponto de partida para a investigação; no *podcast*, há trechos de leitura do texto da obra *ipsis litteris*. Muitas das entrevistas em áudio, inclusive, foram materiais gravados pela jornalista brasileira durante a apuração do seu livro reportagem. Portanto, o modo jornalístico configura-se no produto tanto pelo constante diálogo – ainda que indireto – com a apresentadora Liz Bonnin, criando uma ambiência especializada, quanto pelo tom crítico. Ao longo dos episódios, junto à presença constante da voz da apresentadora, a intensa participação de Serra funciona tanto como uma espécie de voz jornalística que ancora

a narrativa quanto como uma voz autorizada e crítica de *tradução* do acontecimento, desde o Brasil.

Embora já esteja presente textualmente no livro, esta crítica ganha força na entonação firme da voz e pela assunção de uma perspectiva dos atingidos, como neste trecho do episódio 6: *“I got a sense that they feel very lonely fighting for justice. They feel abandoned by public power. They have many questions and many issues about our judicial system. They don't believe in justice in Brazil. The sense that I got is that they are very tired”* (episódio 6, 15:47 - 16:19). A presença da jornalista no papel duplo de ancoragem e de especialista pode ser exemplificada durante passagem do primeiro episódio, quando ela explica, inserindo-se geograficamente, sobre o processo judicial do desastre-crime, apresentando tanto seu processo de apuração quanto características do cenário minerário brasileiro, contextualizando-o.

Here in Brazil, we have legislation – it's hard to explain in English, but I'll try – to a company like Samarco, a mining company so big, you have to go through a license process. And in this license process to establish your activities, you have to prove that the activities are safe enough and you have to give information, very detailed information about the impacts on the environment. And I discovered that this process of the Fundão dam was very fast. This process, the company has to deal with the public authorities. And I discovered that in this case, the process was very fast and the company didn't give to the authorities all the documents, the studies, and the public authorities responsible for the licenses, they were very soft with the company. (episódio 1, 19:23 - 20:46)

A série também aciona uma estrutura clássica da notícia, cuja centralidade está marcada pela informação apurada com testemunhas, especialistas, entes governamentais e fontes documentais. Ou seja, há um procedimento jornalístico, embora a produção não esteja vinculada a uma estrutura de redação e tampouco a um veículo informativo específico.

Esta configuração aponta para o que Laia, Morais e Moraes (2025, p.7) definem como a necessidade, especialmente a partir da digitalização e da plataformização, de compreender a atividade jornalística como uma rede de conexões

that considers the connections that produce journalism, rather than considering this action as coming from a stable, identifiable place that builds up the journalist's profession [...] which it has presented itself in recent decades and to bet on new possible arrangements for what we call journalism.

O *podcast* em questão é fruto de um arranjo entre uma equipe inglesa, uma jornalista brasileira e uma série de entrevistados que habitam territórios contíguos ao Rio Doce e que, à princípio, foram afetados por um acontecimento em comum, ainda que enfrentando a partir de

sentidos diversos. *Traduzir* um acontecimento deste alcance, “*in the extreme case of so called interethnic or intercultural relations, where the language games diverge maximally*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.12) é uma tarefa que precipita o acionamento de uma rede extensa de comunicação e *tradução de mundos*.

2.2. Reconhecimento, pluralidade e equivocação

A segunda estratégia, de reconhecimento do(s) acontecimento(s), pela qual *Dead River* se constitui como dispositivo de *tradução*, em dois eixos. O primeiro é a *tradução* do acontecimento, no singular, para uma audiência britânica, uma *tradução* entre dois mundos muito diversos (brasileiro e estrangeiro), conectados tragicamente pelo colonialismo, como aponta Gandolfi (2025). Aqui é preciso retomar informações sobre o momento da produção e lançamento do *podcast*.

No Brasil, após o rompimento da Barragem de Fundão, *Vale*, *BHP* e *Samarco* foram alvo de ações civis, ambientais e criminais. Em novembro de 2024, por decisão da Justiça Federal do Brasil, as três empresas, mais a *VogBR*⁷ e sete pessoas (diretores, gerentes e técnicos) foram absolvidos. O Ministério Público Federal (MPF) recorreu da decisão e o desfecho segue em aberto. No Reino Unido, milhares de atingidos moveram uma ação coletiva contra a *BHP*, em novembro de 2018, argumentando que, como controladora da *Samarco*, ela tinha responsabilidade sobre a governança e gestão da empresa. *Dead River* foi produzido em 2023. O lançamento aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2024, com o episódio piloto junto ao *teaser* da temporada, e os episódios seguintes foram publicados sequencialmente ao longo de fevereiro e março de 2024.

Sete meses depois, em outubro de 2024, teve início o julgamento principal contra a *BHP* na Corte Real de Londres. Em novembro de 2025, a empresa foi considerada responsável pelo crime, ao fim da primeira etapa do julgamento. Na segunda etapa, prevista para começar em outubro de 2026, serão definidos os valores das indenizações.

No início do **episódio 1**, Bonnin alerta para o que chama de um certo “britaniocentrismo” do *podcast*: “*A legal case surrounding this story is currently taking place in England. And for that reason, some parts of this podcast might feel a little British-centric. But by the end of it,*

⁷ A *VogBR*, empresa mineira responsável pelos estudos de estabilidade da Barragem de Fundão, foi indiciada em janeiro de 2016 pela Polícia Federal.

you'll see why it impacts you, no matter where you're listening from” (**episódio 1, 00:00 - 00:38**). Ao final, no **episódio 6**, de fato a apresentadora tece um longo comentário retomando este compromisso inicial com o ouvinte.

Wherever we live, whether in the south of Brazil or in the north of England or anywhere on this planet, we need water to live. It doesn't matter if you're a CEO of a mining company, a fisherman providing for the local community, or an employee of a water company. We all deserve access to clean water and we deserve the peace of mind to know that big industry cannot take that human right away. (**episódio 6, 39:26 - 40:24**)

Ao longo da série, entretanto, o que se evidencia nessa *tradução* contextualizada do acontecimento “rio morto”, ultrapassa a dimensão jornalística (de informar de maneira explicativa para o público estrangeiro o evento ocorrido no Brasil), bem como a dimensão jurídico-coincidente (acerca da repercussão criminal do rompimento da barragem de Fundão tanto no Brasil quanto na Inglaterra). Há, para além disso, uma constante ponte histórica, construída narrativamente, que aponta para as conexões entre Brasil e Inglaterra e para uma trama colonialista mais ampla.

No **episódio 1**, Liz Bonnin recupera um dado oitocentista para apontar sobre essa relação entre países e um *continuum* existente entre desastres-crimes do passado e do presente:

In 1844, the Catabranca gold mine in Minas Gerais was owned by the Brazilian Company Limited, that, despite its name, was a British-owned company. 450 slaves worked deep within this mine, extracting gold by hand. Conditions were incredibly precarious, with records noting that the mine shafts were constricted and really difficult to access, and no measures had been taken to secure the walls of the mine against landslides. Mines that had high maintenance costs were not attractive to foreign investors, and keeping costs low and profits high was the top priority. (**episódio 1, 07:15 - 07:42**)

No **episódio 6**, Boninn retoma esse contexto, ampliando as camadas coloniais de exploração a partir da escravidão de povos negros e indígenas:

The people who worked in that Catabranca gold mine in the state of Minas Gerais were all enslaved people trafficked from Africa. When the rockslide prevented them from escaping, the owners flooded the mine with water, drowning everyone trapped inside. The mistreatment and killing of enslaved people during this period was far too common an occurrence. The first vessels carrying enslaved people arrived from Africa in the mid-1500s, and by the time Brazil abolished slavery in 1888, around five and a half million people had been trafficked and forced to work as slaves—more than any other country in the world. But Africans were not the first to be enslaved in Brazil. Others had been forced out of their homes and into slave labor before this. (**episódio 6, 01:15 - 02:37**)

A presença indígena na série, inclusive, ganha foco no último episódio, quando se detalha e se situa, historicamente, sobre a etnia Krenak e outras que habitaram e habitam a bacia do Rio Doce, como narra Boninn: *“The Krenak are descendants of the Botocudo community, who were considered to be the first human inhabitants of the Doce River Valley, and who lived in this region of Brazil until the late 18th century. Today, the Krenak people's home is still on the banks of the river, in the town of Resplendor”* (episódio 6, 05:39 - 06:18).

Já a presença negra aparece, principalmente, pela relação com a escravidão, mas vista, também, desde as lógicas racistas que permearam e permeiam a estrutura histórica da colonização e da estruturação social brasileira. O depoimento de Mauro da Silva, morador de Bento Rodrigues, expõe essa complexidade abordada pelo *podcast*:

I can't help but to discern mining from its historical ties to slavery. Mining for me points towards structural racism. It's an exploitation of the land, of the people. It used to be then, and it still remains now. Now, this exploitation expresses itself in the way in which crumbs are given to people in order to allow the companies to continue to pursue wealth while exploiting the land. You see that crumbs are given in the form of minor benefits, minor salaries, constructions in various communities, but it all amounts to something very hollow. (episódio 6, 45:56 - 47:33)

Desde esse conjunto de passagens, o *podcast* configura-se por um endereçamento cuja *tradução* a uma audiência britânica se dá “a partir de uma certa ideia de repertório, considerando que existe uma realidade e muitas formas de acessá-la, diferentes epistemologias, fenômeno que podemos chamar de uni-referencialidade” (LAIA; GUIMARÃES, 2022, p. 13). Esta experiência uni-referencial – premissa para o jornalismo tal qual o conhecemos e praticamos comumente para *traduzir* acontecimentos – pode ser chamada também de multiculturalismo. Na concepção de Eduardo Viveiros de Castro (2002, p.239), “o relativismo cultural, um ‘multiculturalismo’, supõe uma diversidade de representações subjetivas e parciais, incidentes sobre uma natureza externa, una e total, indiferente à representação”. O autor explica que

os ameríndios propõem o oposto: uma unidade representativa ou fenomenológica puramente pronominal, aplicada indiferentemente sobre uma diversidade real. Uma só ‘cultura’, múltiplas ‘naturezas’; epistemologia constante, ontologia variável – o perspectivismo é um multinaturalismo, pois uma perspectiva não é uma representação. Uma perspectiva não é uma representação porque as representações são propriedades do espírito, mas o ponto de vista está no corpo (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 239-240, grifo dos autores)

O multinaturalismo é expresso na experiência de *Dead River* na segunda estratégia de reconhecimento do(s) acontecimento(s), pelo modo como as diferentes perspectivas do rompimento da barragem de Fundão são acessadas, disponibilizadas e tensionadas, visto que expressam modos de existência diversos, portanto, realidades diversas. Pelo fato de habitar pontos de vista diferentes, empresas de mineração, ribeirinhos e atingidos das zonas rurais, indígenas e quilombolas – além dos advogados, dos cientistas e dos jornalistas presentes na série – não produzem apenas sentidos diversos para o rompimento da barragem, mas vivem, de fato, diferentes rompimentos, conforme o que se ouve nos episódios do *podcast*.

Ainda que, frequentemente, *traduzam* estes acontecimentos como único – por isso entendemos aqui, também, a ideia de plural como errante, que vai e vem de acordo com o tipo de *tradução* acionada. A fala de Antônio Carvalho (Wera Kwarayá no idioma Guarani) ilustra esses outros mundos presentes no *podcast*. Ao explicar a relação com o Rio Doce, uma experiência com o rio (junto à consciência crítica sobre a sua devastação) e uma forma de existir coletiva aparecem:

“We don't understand how a human being created by God can be treated this way. We feel like we're being treated like things instead of humans. Not only were our bodies affected, our spirits and our souls were also affected, because to us, nature is connected to our soul... and the degradation of nature for us is the same of destroying our soul” (episódio 3, 18:56 - 19:35)

No **episódio 6**, as falas do cacique Michael Krenak e indígena Ludmilla Krenak reforçam a ideia de que a morte do *Watu* não é o primeiro nem o mais difícil desafio enfrentado pelo grupo.

Michael Krenak: Our people have always suffered. We have never had any support from any governments or from any organizations or institutions. We have always fought loudly to be heard. But there are a lot of things we have had to do in silence. We had to silently accept the loss of loved ones, of children and parents and grandparents. During the dictatorship, our people were persecuted, killed, arrested, and every effort was made to silence us. For hundreds of years, we have suffered massacres, and people have consistently tried to silence us.

Ludmilla Krenak: During the dictatorship, we were even forbidden from speaking our traditional language. We all had to learn to speak Portuguese. This was just another way that we were abused and silenced. (episódio 6 - 15:03 - 17:16)

Em seguida, o *podcast* aciona uma fala do cacique Michael Krenak que demonstra uma *equivocidade* (não controlada) entre mineradoras e povo Krenak. “For example, each family

*received six heads of cattle and animal feed from the Renova Foundation*⁸. *But livestock is not part of our culture. So many families sold the cows or ate them shortly after we received them*” (episódio 6 - 31:34 - 32:42). As cabeças de gado e a alimentação para começar um pequeno rebanho podem ser fundamentais para outros povos que habitam as margens do Rio Doce/*Watu*, mas não para todos. Esta mesma univocidade presumida é parte de uma generalização que aparece na nota enviada pela Vale como resposta aos pedidos de entrevista feitos pela produção do *podcast*.

The reparation process is being carried out by the Renova Foundation in accordance with a settlement and conduct adjustment agreement signed with the Brazilian justice authorities. The actions taken to compensate the community include monthly payments of emergency subsistence aid, the supply of mineral water, drinking water, and raw water, food deliveries, and social and environmental strengthening initiatives. In addition, numerous measures have been taken to restore the springs in the indigenous lands, and periodic maintenance and improvement work is carried out on roads and access tracks. (episódio 6 - 31:11 - 32:15)

Embora as empresas mineradoras envolvidas, assim como a Fundação Renova, não tenham indicado representantes para conceder entrevistas, o *podcast* constrói este ponto de vista por meio de informações divulgadas na imprensa e da nota acima. Porém, *Dead River* também narra acontecimentos anteriores, análogos, envolvendo estes entes, para mostrar como as empresas mineradoras frequentemente agem em situações análogas ao rompimento da barragem, acionando temporalidades e espacialidades diversas.

O *podcast* produz uma narrativa que vai e vem no limite da *equivocação* tentando forjar uma *tradução* entre os mundos envolvidos nesta trama, avançando, para além do entendimento de que a tragédia constitui-se de diferentes sentidos – um mosaico de modos de viver o acontecido. Ou seja, assumindo, a partir da própria nomeação, como a tragédia-crime-acidente constitui-se, também, como uma série de acontecimentos, no plural, já que, para contar esta história, trata-se não somente de acionar diferente modos de acessar uma realidade – multiculturalismo –, mas de compreender que o que se tem como horizonte são realidades diferentes a serem acessadas – multinaturalismo. Nesse sentido, as diversas mortes do rio, que emergem como acontecimentos, no plural, complexificam a própria *tradução de mundos*

⁸ A Fundação Renova foi constituída em 2016 pelas empresas *Samarco*, *Vale* e *BHP*, em razão de um acordo formulado entre a União e os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, com o objetivo de executar os programas de recuperação ambiental e socioeconômica nas comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Atuou até 2024, quando foi extinta devido a uma repactuação celebrada entre as mineradoras responsáveis e o governo federal.

realizada pelo *podcast*, desestruturando uma univocidade explicativa desde uma perspectiva (apenas) jornalística. Os diversos acontecimentos são tantos quanto são as perspectivas presentes, ou seja, tantos quanto são os mundos.

3. A(s) morte(s) do Rio Doce/*Watu* e o acontecimento como *não retorno*

O tensionamento de mundos em *Dead River* constitui-se a partir das diversas mortes do rio como diferentes acontecimentos; a morte “definitiva” do Rio Doce/*Watu*, assim, tem dimensões diferentes como acontecimento. O *não retorno*, nesse sentido, deixa de ser uma questão especificamente factual e consolidada, vista com um único acontecimento a se significar (ainda que acionando diversas temporalidades)⁹, para tornar-se um amálgama de situações, com suas temporalidades específicas e em conexão, postas em movimento e geradoras de uma entropia multinatural. Potencializa-se, nesse sentido, uma tensão de mundos, mas também de tempos e espaços, revelando o acontecimento como um *não retorno* “em si”, que diz respeito a uma crise mais ampla de nosso presente, a múltiplos acontecimentos, portanto, e suas conexões com o que já foi e o que virá em termos de mundos tensionados.

O geógrafo Leonardo Silva (2025), parte da ideia de que existem, na vida cotidiana, “[...] planos entrecruzados e heterogêneos de relacionamento envolvendo as dimensões humana e não humana” (p. 309), o que diz respeito à natureza fluída do “arranjo da experiência espaço-temporal” (p. 310). São experiências que vão além da “[...] da esfera estritamente social – colidem perpetuamente em espaços e tempos recortados afetando os partícipes das cenas (incluindo humanos e não-humanos) e, por consequência, são capazes de interferir no plano da materialidade espacial” (p. 310).

Tal perspectiva ajuda a pensar o *não retorno* como substrato espaço-temporal; bem como a ver as disputas que envolvem tanto esse “fenômeno” quanto a sua conceituação, desde onde pode-se ler não apenas a “morte do rio”, mas também a própria maneira de se narrá-la. O que leva à compreensão não apenas do que tal morte envolve para além dela mesma, os múltiplos mundos, mas para aquilo que esses mesmos mundos, em tensão, provocam na própria narrativa. Por um lado, pluralizando os sentidos de morte, mas, por outro afetando, de maneira

⁹ Como vai sintetizar Vera França (2012, p. 47), “ao desorganizar o presente, o acontecimento instaura uma temporalidade estendida, convoca um passado com o qual se possa estabelecer ligações, anuncia futuros possíveis”.

constituente, as respectivas *traduções* a eles atentas. É, de certa maneira, o que se dá em *Dead River*, mesmo que em um contexto linguístico específico.

Observar a invasão dos rejeitos sobre o Rio Doce, na perspectiva Krenak, é ir além de uma ideia de danos a recursos naturais. O Rio é um “[...] bem imaterial, ele significa um ser, composto de vida(s), relações, sabedoria e poderes. Os impactos denominados ambientais sobre o *Watu*, são impactos na vida, na forma de ser, viver e crer de um povo” (CALDEIRA; AMARAL, 2020, p. 62). Girley Krenak (SANTANA, 2025) afirma que a sociabilidade do seu povo estava em torno do *Watu*, a praia do rio era ponto de encontro para praticamente todas as atividades comunitárias, agora suspensas, como: a pesca, a lavagem das roupas, as competições, as conversas no fim do dia. Mas talvez o que apareça de modo mais impactante no levantamento feito por ele diz respeito à interação das crianças com o rio, que agora não podem mais aprender a nadar nas águas do *Watu*, e passaram a tomar banho em caixas d’água. O batismo também não é mais feito no rio (SANTANA, 2024).

Porém, ainda que o rompimento da barragem de Fundão constitua uma grande ameaça recente à vida do povo Krenak, o pesquisador não a classifica como a mais grave e tampouco como a única. Ele constrói uma linha do tempo das ameaças vividas pelo seu povo, desde o processo de invasão colonial do território, que levou o grupo a viver diversos processos de desterro e migração forçada, passando pelos episódios de guerra biológica empreendida pelos colonizadores – com o uso de roupas infectadas por doenças para as quais os indígenas não tinham anticorpos – até as prisões e torturas cometidas no Reformatório Krenak, instalado no território durante a ditadura militar. Girley conta ainda, em primeira pessoa, as experiências de risco à existência do grupo, especialmente, no que diz respeito à pressão de fazendeiros pela ocupação das terras da comunidade e, pelos diversos desafios enfrentados pelo grupo para proteger os modos de vida da destruição trazida pela mineração.

Tal visada dialoga com a provocação de Ailton Krenak (2019) de que, enquanto a sociedade ocidental teme um “fim do mundo” futuro, esse fim já foi experimentado pelos povos indígenas com a chegada dos europeus em 1500, que trouxe doenças, escravidão e o extermínio de muitos povos e culturas.

Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil¹⁰, me perguntaram: “Como os índios vão fazer diante disso tudo?”. Eu falei:

¹⁰ Ailton Krenak faz referência à eleição de Jair Bolsonaro à presidência, junto com a ascensão da extrema-direita e à aceleração do ataque aos direitos de grupos socialmente vulneráveis no Brasil.

“Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa”. A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais (KRENAK, 2019, p.31).

A pesquisadora Raquel Pataxó (MASCARENHAS, 2024) vai além, afirmando com todas as palavras, que são muitos os fins, de muitos mundos: o fim do mundo ancestral, o fim do mundo previsível, o fim do mundo da vida como a conhecíamos e uma infinidade de outros, inclusive o fim do mundo ancestral, o mundo do seu povo Pataxó, que começou em 1500, com a invasão dos europeus e o assassinato de nove em cada 10 indígenas da sua etnia, nos séculos seguintes. O fim do mundo indígena é anterior ao Antropoceno global, que “[...] anuncia que os escombros não são mais privilégio regional, da periferia, das mulheres, dos não brancos, dos não-humanos” (MASCARENHAS, 2024, p.300). O “fim do mundo” Pataxó (assim como muitos *não retornos*) não começa no século XX, no espaço Terra que habitamos neste momento. Para os povos indígenas, ele começa com a colonização, cinco séculos atrás, num território diverso ontologicamente do que hoje é o Brasil.

Do mesmo modo, afirmamos que a *tradução de mundos* operada pelo *podcast Dead River* apresenta as mortes do Rio Doce/Watu como distintas. Para as mineradoras, começou com o “desastres-acidente” de 2015 e diz respeito a um território cujos recursos naturais são geradores de *commodities*. Para os indígenas Krenak, essa história começou com avanço da atividade minerária que se estende desde o tempo-espaço colonial, com a exploração do ouro pelas mãos das pessoas negras escravizadas em Mariana – para quem o fim do mundo, o ponto de *não retorno* começou com a viagem de travessia do Atlântico num navio negreiro – e com as guerras de resistência, as sucessivas perdas de território e as torturas sofridas pelos seus ancestrais.

Esta *tradução* multinaturalista inventa novos imaginários sobre o fim, narrando os fins já vividos e fabulando sobre os que virão, tensionando a noção de *não retorno*, ao acionar outros *não retornos* já vividos. E o *podcast* faz isso de modo especialmente efetivo, justamente por não anunciar essa operação, ou seja, por fazer isso a partir de uma estrutura narrativa intrínseca ao modo de enunciação sonoro/radiofônico. A ideia de *não retorno* não é unívoca e por isso mesmo ela apresentada, no produto, a partir de uma alternância de espacialidades e temporalidades, convocando-as e tensionando-as de forma alternada e dentro de uma pluralidade simultânea, oferecendo ao ouvinte a matéria-prima fabulatória para imaginar outros

fins que confluem ora para o conjunto narrativo que dá um sentido único, numa *tradução* multiculturalista, possível a partir do eixo informativo do produto, ora para aquilo que “multinaturalmente” lhe escapa.

É nesse escape que *Dead River*, pode-se dizer, complexifica as possibilidades imaginativas de pensar o *não retorno* como acontecimento (a morte singular do Rio Doce/*Watu*, enunciada) e o acontecimento como *não retorno* (as múltiplas mortes em tensão a partir da evocação de distintos mundos). Sem apontar necessariamente para especulações acerca de um “futuro climático” que emerge(ria) a partir das mortes *traduzidas* – algo comum quando se toma por foco as discussões acerca da atual “crise climática” planetária (RIESTO et. al. 2021) –, o *podcast* tensiona para um “terceiro” *não retorno*, que diz respeito às demandas sobre outras formas de dizer o mundo e, por isso, imaginá-lo. O que não deixa de ser, também e de fato, um desafio epocal.

Referências

- ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea**, v. 6, p. 1-21, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3517> Acesso em: 12 jan. 2026.
- CALDEIRA, Vanessa A.; AMARAL; Márcia. RIO DOCE: mais que um patrimônio, um ser ancestral. **Emblemas**, v. 17, n. 2, 57-69, jul.-dez.2020. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/emblemas/article/view/64718/35725> Acesso em: 12 jan. 2026.
- DANOWSKI Deborah, CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins 2ªed. São Paulo: Instituto SocioAmbiental, 2017.
- FRANÇA, Vera. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39-51.
- GANDOLFI, Haira E. “It Looks as if They Threw the Entire Periodic Table Into the River”: A Decolonial Perspective for Chemistry Education in the Context of Environmental Injustices. **Science Education**, n. 109, 1652-1668, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/sce.21984> Acesso em: 14 jan. 2026.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto: procedimentos, análise, ensino**. Campinas: RG, 2011.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAIA, Evandro J. M. Notas para uma ecologia das narrativas autônomas em audiovisual streaming: do Junho de 2013 à pandemia. **MÍDIA E COTIDIANO**, v. 17, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/57398/34346> Acesso em: 12 jan. 2026.
- LAIA, Evandro J. M.; GUIMARÃES, Lara L. Coisas, mundos, traduções: dobras para uma comunicação pelo equívoco. **CONTRACAMPO**, v. 41, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52775/34668> Acesso em: 04 fev. 2026.

LAIA, Evandro J. M.; MORAIS, Marina M.; MORAES, Cândida M. The sympoietic journalism of the Rede Wayuri: a make-with from the edges of the planet. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH**, v. 21, p. e1736, 2025. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1736> Acesso em: 12 jan. 2026.

LAM, Vicent. Abrupt climate changes and tipping points: Epistemic and methodological issues. In: PELLEGRINO, G.; DI PAOLA, M. (Orgs.). **Handbook of the philosophy of climate change**. Springer, 2022.

MARTÍNEZ-COSTA, María P. Tipología y funciones del narrador en los relatos radiofónicos. **Comunicación y Cultura**, 5/6, 97-104, 1998. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2901327> Acesso em: 14 jan. 2026.

MASCARENHAS, Raquel M. **O canto do Antropoceno**: questão ambiental como emergência do espaço-tempo presente. 2024. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/951860.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2026.

POVINELLI, Elizabeth. **Catástrofe ancestral**: e existências no liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

REGATTIERI, Lorena; CASTAÑEDA, Marcelo. Na Beira do Rio Doce: Antropoceno e Mobilização no Rastro da Catástrofe. **ClimaCom: Cultura Científica – Pesquisa, Jornalismo e Arte**, vol. 3, no. 5, Apr. 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/na-beira-do-rio-doce-antropoceno-e-mobilizacao-no-rastro-da-catastrofe> Acesso em: 10 jan. 2026.

RIESTO, Svava; EGBERTS, Linde; LUND, Anna A.; JØRGENSEN, Gertrud. Plans for Uncertain Futures: Heritage and Climate Imaginaries in Coastal Climate Adaptation. **International Journal of Heritage Studies**, 28(3), 358–375, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13527258.2021.2009538> Acesso em: 12 fev. 2026.

SANTANA, Girley B. **Território, cultura, memória e ancestralidade**: a resistência Krenak sob a perspectiva autoetnográfica. 2025. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – UNIVALE, Governador Valadares, 2025. Disponível em: https://univale.br/territorio-cultura-memoria-e-ancestralidade-a-resistencia-krenak-sob-a-perspectiva-autoetnografica/?utm_source=%7CuserId763201cf-1f8f-4629-9880-633730d69052%7C. Acesso em: 21 fev. 2026.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana**: a história do maior desastre ambiental do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Leonardo L. S. A fluidez dos espaços tempos. **Geografia**, v. 50, n. 1, p. 309–331, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/18850>. Acesso em: 12 fev. 2026.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes** – resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

TAVARES, Frederico M. B.; ANTUNES, Elton. Territórios e Colonialidades no podcast *Ilustríssima Conversa*: deslocamentos espaço-temporais jornalísticos. **Revista Comunicando**, v. 14, p. 1-13, 2025. Disponível em: <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/448> Acesso em: 14 jan. 2026.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Editora Insular, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. In: **Tipiti**, v. 2, n. 1, p. 2-22, 2004. DOI: <https://doi.org/10.70845/2572-3626.1010>